

Ainda em maio desse ano o programa apresentou Cinderela, O Mágico de Oz, de L. Frank Baum e Coppélia, esta última baseada no conto O Homem de Areia, de E. T. A. Hoffmann e no balé de Delibes.

Por ocasião da apresentação de Coppélia, espetáculo que alcançou grande repercussão na época, Maria Luísa Gáudio, responsável pela coluna Vitrine de Eva, publicada no jornal O Tempo, escreveu o comentário parcialmente transcrito a seguir:

PROGRAMAS INFANTIS

“Deve haver ainda muita gente de nariz torcido e velha mentalidade que não gosta de histórias de fadas (...) e condena os programas de Júlio Gouveia. Mas, como não é esse o meu caso, resolvi hoje falar bem de alguém e, encantada com o programa de domingo de manhã, escolhi Júlio Gouveia e Tatiana Belinky para a restrita série de pessoas elogiáveis que andam por aí.

Esses dois colaboradores da televisão e, se não me engano, diretores da Escola-Teatro São Paulo, têm apresentado uma série maravilhosa de programas infantis, começando pelas velhas histórias conhecidas, passando pelas encantadas **Mil e Uma Noites** cheias de gênios e princesas e foram acabar no **Sítio do Pica-pau Amarelo** com uma **Emília**, que encarnou exatamente a idéia que Monteiro Lobato tinha em mente, quando criou a boneca-falante. Esta série foi coroada de louros com a exibição de **Coppélia** no último domingo, atingindo difícil grau de perfeição.

Todos conhecem a história do Dr. Coppélius, o gênio que criava brinquedos fabulosos e que fez uma boneca tão linda e tão perfeita, que falava, dançava e encantava os homens, a ponto de deixar o pobre Nataniel enlouquecer. Pois, baseada nessa história e no **ballet** do mesmo nome, Tatiana Belinky escreveu a história e com a música de Delibes foi ela apresentada às crianças. Havia a mocinha que era a boneca Coppélia, dançando muito bem e batendo os olhos como duas borboletas com aqueles movimentos mecânicos de uma boneca de corda, e o esperto Spallanzani e o pobre Dr. Coppélius meio louco, meio gênio e o Marquês (o ex-Nataniel) e todos os outros brinquedos, o soldadinho, o diabo, a bailarina. Tudo absolutamente perfeito, bonito, de ótimo efeito. (Foto 58)

O tipo do programa que nenhum moralista pode considerar perigoso para as mentalidades infantis, que ninguém pode considerar como gerador de complexos. Não há imoralidades, nem causa medo a qualquer criança, nem sequer está fora do alcance delas, já que a narrativa é feita em linguagem fácil e os personagens movem-se e agem tal como se estivessem vivos ao nosso lado. Faz bem até, não só às crianças, mas também aos adultos, assim como um copo de água gelada num dia de calor, que conforta a alma. (...)” (7)

Após mais de um ano de trabalhos com Era uma Vez... Júlio Gouveia, considerando “que seria mais proveitoso para o público” se esse programa também “fosse dirigido à adolescência”, decidiu dar-lhe uma nova linha. Dessa forma, ele poderia atingir “o público adulto sem perder o (...) infantil”. (8) Foi assim que Era uma Vez... transformou-se no Teatro da Juventude. Esta nova fase foi iniciada em 4 de julho de 1954, com a montagem de Ivan e a Miséria, adaptada de uma lenda russa por Tatiana Belinky. (Foto 59)

Convidado pela direção da emissora a fazer no Teatro da Juventude um espetáculo comemorativo do IV Centenário de São Paulo, Júlio Gouveia decidiu-se pela biografia do médico Emílio Ribas. A montagem de Emílio Ribas - Herói de São Paulo exigiu cerca de quarenta atores. Sua transmissão ocorrida em 11 de julho durou duas horas e meia. O programa permaneceu no ar durante nove anos, apresentando adaptações de obras da literatura infanto-juvenil universal e originais de Tatiana Belinky baseados, por exemplo, em notícias de jornal ou episódios bíblicos. Na opinião da autora, o melhor texto que escreveu foi Os Dez Mandamentos que resultou em grandiosa produção apresentada em cinco partes (10.4 a 15.5.1955). (Foto 60)

Um espetáculo que causou estranheza foi Cristóvão Colombo, transmitido também em cinco episódios (de 13.10 a 10.11.1957). Considerando que no texto havia algumas passagens difíceis para o público ao qual o programa se dirigia, envolvendo inclusive considerações filosóficas, Júlio Gouveia, com intuito de tornar o espetáculo mais acessível aos espectadores jovens, decidiu-se por uma inovadora e inesperada solução. Num determinado momento da encenação, Felipe Wagner, que interpretava o papel de Cristóvão Colombo, interrompia sua representação e dizia: “Eu não posso continuar. Eu não entendi essa frase”. Para surpresa dos telespectadores, Júlio Gouveia entrava em cena e explicava para o ator e para o público o que Cristóvão Colombo queria dizer com aquela frase. Tal distanciamento e quebra de representação tornava didática a explicação, facilitando o entendimento. A solução, contudo, causou estranheza aos espectadores. Alguns chegaram mesmo a telefonar à emissora, protestando contra a falha. (Foto 61)

Em maio de 1962, ao afastar-se Júlio Gouveia da produção e direção dos vários programas que vinha há tantos anos realizando na televisão, seu filho, Ricardo Gouveia, assumiu a responsabilidade dos mesmos. A Bela Adormecida, apresentada no dia 20 desse mês, foi a primeira peça encenada no Teatro da Juventude sob a nova direção. A partir de 10 de junho de 1962, o programa retomou o antigo nome de Era uma Vez..., tendo sua duração reduzida para cerca de trinta minutos e o horário de apresentação fixado para as 18:30 h. Em 26 de agosto desse mesmo ano, com a história A Justiça do Macaco, encerraram-se as apresentações desse tradicional grande teatro infanto-juvenil.



(Foto 58) Marilena Analdi em Coppélia (24.5.1953). Era uma Vez... - TV Tupi - São Paulo Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky



(Foto 59) David José em As Aventuras de Tom Sawyer, de Mark Twain (15.2 a 15.4 1956). Teatro da Juventude - TV Tupi - São Paulo Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky

(7) Maria Luísa Gáudio, Coluna Vitrine de Eva, O Tempo, São Paulo, 27 de maio de 1953.

(8) Teatro da Juventude, Revista Philips do Brasil, São Paulo. Não foi possível determinar-se o número da publicação. O ano deve ser 1959.